

**DISCURSOS PRISIONAIS:
VOZES AUTOBIOGRÁFICAS E RESSIGNIFICAÇÕES**

*Alberto Marlon Oliveira**
*Helena Figueira Câmara***

RESUMO:

Histórias de protagonistas prisioneiros preenchem vazios da literatura com fragmentos de escritas autobiográficas que sugerem experimentações de autorias diferenciadas do delito cometido. Partindo de uma autobiografia escrita no cárcere, este trabalho pretende analisar os discursos autobiográficos no contexto prisional, identificando as formas dialógicas que a fala daquele que está encarcerado possa assumir diante de diferentes interlocutores. Essa inter-relação de discursos age no sujeito que escreve, de forma que, ao escrever, e ler aquilo que escreveu, venha a ressignificar sua identidade. Tais ressignificações não ficam restritas apenas ao indivíduo escritor, mas expande-se por todo um extrato social no qual estão imersos aqueles que, por estarem fora do círculo literário oficial ou por fazerem parte de grupos marginalizados, têm os discursos interditos.

PALAVRAS CHAVE: Discurso; Escrita; Identidade; Leitura; Prisão; Prisioneiros.

A escrita de si, um recorte.

A literatura presente em histórias, cujos protagonistas conheceram o tempo passado no cárcere, fragmentos de vidas que, de acordo Foucault, passam como “existências-clarão”, pela visibilidade que o delito confere. Histórias de crimes, de fugas, de práticas justiceiras. Tais relatos sempre exerceram certo fascínio no público leitor e deram voz a

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

** Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Professora.

escritores que habitaram, como escreveu Dostoievski, a “Casa dos Mortos”. Por entre as barras das celas, pelas frestas das trancas e por cima dos muros, ecoaram:

Vozes de escritores que, através da literatura, trouxeram ao texto a vida na prisão, como Dostoievski, Genet, Soljenitsin, Kafka e outros. Em grande algaravia, os prisioneiros de Recordações da casa dos mortos, de Dostoievski, as várias faces de Genet em Nossa Senhora das Flores, acompanhando a caminhada de Um dia na vida de Ivan Denissovitich, de Soljenitsin, dialogam com outras vozes de prisioneiros escritores em Vitória da Conquista, pela discursividade que os aproxima. (CÂMARA, 2001. p 31)

Em 1995, ao conhecer o projeto “Proler/Carcerário”, e participou do lançamento do livro *Ventaneira, uma história sem fim*,¹ de Hélio Alves Teixeira José Raimundo Santos, então interno do Presídio Regional de Vitória da Conquista-Bahia, resolveu escrever um novo capítulo em sua vida.

Tomei conhecimento desse projeto através de uma funcionária do presídio, que me apresentou a professora Heleusa. Ela, ao ver minha força de vontade, me estendeu as mãos, dando todo o incentivo e apoio para que eu levasse meu trabalho em frente, até se tornar uma obra realizada. (SANTOS, 1996, apud CÂMARA, 2001. p. 27).

Diante desse cenário, em 1996, José Raimundo finalizou o manuscrito de sua primeira obra, *Km 47, Parada da Solidão: vida de camiboneiro*, ocasião em que, com autorização da Justiça, foi à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e, diante de um auditório lotado, falou... Como viria confessar posteriormente, foi o seu “maior momento de glória”. A liberdade veio em seguida. Pouco tempo depois, talvez pelas dificuldades encontradas no “mundão”² ou quem sabe por carregar marcado na carne o estigma do crime, assim como Genet³, reincidiu, por duas vezes. Entre intercursos de idas e vindas à

¹ O Proler/Carcerário possibilitou a edição, impressão e lançamento do livro do também interno Helio Alves Teixeira.

² Termo utilizado nas prisões, referente ao mundo exterior, a liberdade.

³ Jean Genet (1910-1986). Foi um escritor, poeta e dramaturgo francês. Sua vida atribulada, marcada por crimes, prisões e escândalos, rendeu-lhe subsídios para suas obras e fama controversa em sua carreira. Mesmo frequen-

prisão escrevia, agarrava-se a este recurso e, assim como Menocchio⁴, lançou seu discurso no afã de falar às autoridades e à sociedade. Em junho de 2004, livre novamente, fixou residência na cidade de Condeúba - Bahia onde, com o apoio do Proler/Uesb, iniciou um trabalho de incentivo a novos escritores locais bem como a transcrição de histórias de lavradores que não eram alfabetizados. Nesta fase publicou textos e cordéis em jornais locais, além de continuar escrevendo e ter criado um blog na Internet. Sua trajetória ou, nas palavras de Foucault, sua “existência-clarão”, findou-se em 2009 quando sofreu um acidente de automóvel, nas proximidades da cidade de Condeúba. Morreu carbonizado, preso entre as ferragens.

Pode-se depreender que a prática da leitura e da escrita entre prisioneiros oferece subsídios para que estes se afirmem enquanto homens, com novas fichas corridas, e que os olhares alheios à realidade de muros, grades e portões poderão enxergar estas vidas humanas dissociadas dos atos que praticaram.

Foucault diz que a “função-autor” não se constrói simplesmente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992 p. 46), ou seja, indica que tal ou qual discurso deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber certo estatuto. O que faz de um indivíduo um autor é o fato de, através de seu nome, ser delimitado, recortado e caracterizado textos que lhes são atribuídos. Dentro desta ótica, pode-se depreender que os neoescritores assistidos pelo projeto “Letras de Vida: escritas de si”⁵ representam discursos que servem de paradigmas e identificam determinados extratos soci-

tando o submundo das prisões, foi amigo de intelectuais de sua época como Jean Cocteau, Jean Paul Sartre, Jacques Derrida e Michel Foucault.

⁴ Domenico Scandella, popularmente conhecido por Menocchio, foi um moleiro – aqueles que possuíam ou operavam moinhos de grãos. Nascido em 1532 na vila de Montereale, Itália, suas leituras, e a visão particular que depreendia delas, o levou ao Tribunal da Santa Inquisição, sendo torturado e morto na fogueira em 1599. Sua história veio à luz após a pesquisa, e posterior publicação do livro *O queijo e os Vermes*, do historiador italiano Carlo Ginzburg.

⁵ O “Letras e Vidas: escritas de si”, dá continuidade ao Proler/Carcerário e incorpora outros neoescritores.

ais que, do ponto de vista da ordem do discurso, são ignorados. Ao dar visibilidade a estes grupos sociais, convida-se a reflexões acerca da linguagem enquanto fenômeno histórico e social, e dos efeitos desta, quando empregada na forma escrita como meio de afirmação, enquanto ser humano. Levando-se em conta que a população carcerária, e sua reintegração ao convívio social, é motivo de preocupação para a sociedade como um todo, tais práticas mostram-se ser fundamentais no contexto social ao qual o prisioneiro está inserido. José Raimundo Santos não é apenas um prisioneiro escritor, vai além desta valoração, expande-se e sublima-se por todo um extrato social, apartado das “belas letras”.

Bakhtin afirma que, quando falamos, escrevemos e até pensamos, estamos em constante comunicação com *um outro*, quer seja os interlocutores à nossa volta, um possível público, alguém com quem iremos falar ou palestrar ou até os diversos eus que habitam o olimpo de nossa subjetividade. “Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.” (BAKHTIN, 1997b p. 317). Toda mensagem, ou até pensamento, é endereçada a determinada(s) plateia(s). A comunicação visa a um fim específico, tem como escopo algum resultado esperado. A autobiografia de José Raimundo é endereçada a diferentes interlocutores, ora ele fala às autoridades, tendo um discurso justificatório e de defesa, em outros momentos fala à população carcerária, aos agentes prisionais e demais leitores, por meio de relatos que remetem ao seu passado de lavrador e caminhoneiro. Por fim ele fala a si próprio, em recriações de memórias idealizadas e contrapostas à dura situação de quando escreve. Tais discursos ressignificaram o seu eu. Em uma digestão de passados felizes e trabalho honroso, seu presente como interno do sistema prisional e seu futuro como escritor, José Raimundo lia o que havia escrito, assim ouvia o seu próprio discurso e, o reassimilando, olhava através das grades como outro homem.

“O ato de escrever pressupõe a leitura, faz do escriba-leitor sujeito de uma arte que permite modificar, ampliar, negar um passado histórico, superar os espaços geográficos

cos, protelar a morte e enfrentar o esquecimento” (CÂMARA, 2005, p. 56). José Raimundo tinha ciência disto e, mesmo reincidente, agarrou-se à escrita como forma de romper os espaços, negar e afirmar seu passado e lutar contra a extinção.

Uma autobiografia e as vozes nos discursos não autorizados.

O homem é, por excelência, um ser de comunicação, sua vida tem movimento nas órbitas das palavras, nos jogos dos gestos, entonações, modos e situações, enfim, nas galáxias dos discursos. Eis o que possibilita o viver em sociedade, e a sociedade é, por natureza, alicerçada em acordos e interdições. Se “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1992 pag. 95), os discursos são essencialmente ideológicos e, desta forma, situam-se na zona de encontros, de choques, atrações e repulsas das forças que agem sobre as relações humanas. Representam anseios, regozijos, súplicas e protestos, um afirmar e um negar. De tal sorte que:

“[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

“Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*”. (FOUCAULT, 2009 p. 8-9)

Existem discursos que, por seu teor e por sua conveniência, não têm circulação livre, esses discursos interditos vivem sepultados em bolsões de exclusão da sociedade. Estão nas prisões, nos manicômios, nos asilos, nos hospitais, nos porões... Quando se propicia meios para que esses discursos sejam lançados, quando se retira a interdição deles, seja moral ou material, eles revelam mundos e facetas da subjetividade humana que tanto têm valor por trazer novos elementos à geografia da paisagem humana como por causar movimentos, por meio das ressignificações dos sujeitos discursivos, nas marés das representações sociais.

A experiência do projeto Letras e vida, escritas de si, em incentivar pessoas simples da comunidade, cidadãos que não tiveram oportunidade de estudar muito, discursos que são excluídos por estar fora da chamada educação formal tem dado resultados valiosos no que tange a ouvir e dar eco às vozes que vêm das lavouras, das construções, das periferias, dos presídios. A partir de um recorte de uma autobiografia de um detento, pode-se destacar as diferentes vozes que falam na citada obra e analisar como essas vozes podem ecoar no sujeito que escreve.

Citando Antônio Cândido, Gilberto de Castro analisa as produções autobiográficas - *Infância e São Bernardo* - de Graciliano Ramos e afirma que mesmo o texto autobiográfico, por seu caráter confessional, tem seu lado romanesco. “É claro que toda biografia de artista contém maior ou menor dose de romance, pois frequentemente ele não consegue pôr-se em contato com a vida sem recriá-la” (CANDIDO, 1999 apud CASTRO, 2011 p. 81) Pode-se depreender tal leitura na autobiografia de José Raimundo dos Santos: *Km 47, parada da solidão – vida de caminhoneiro*. Já nas primeiras páginas, onde o autor evoca seus *lugares de memória*⁶, o leitor é convidado a visitar o universo de um passado que, mesmo narrando a vida sofrida de uma criança pobre nos rincões da Bahia, não é menos idílico. Pela liberdade limitada, de forma que o pensamento e a memória se constituem nas únicas formas às quais o prisioneiro possa exercer sua liberdade, condição à qual já nascemos condenados, como disse Sartre, a escrita de Santos pende para a idealização de um passado longínquo e feliz. As descrições da vida no campo, da casa de tábuas que viu seu pai construir, do trabalho na roça, da comida... Dentre as diversas formas de uniformiza-

⁶ É um conceito histórico, evidenciado pela obra *Les Lieux de Mémoire* (1984), editada sob a coordenação do historiador francês Pierre Nora. Os lugares de memória podem ser lugares, propriamente ditos, bem como situações ou rituais, de tal forma que podem ter caráter concreto ou simbólico. “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar.” (NORA, 1993. P. 21)

ção e controle exercidas pelas *instituições totais*⁷ sobre os internos, a comida uniforme, que em não raros casos é motivo de queixas e protestos, se constitui em uma maneira de reforçar o status de prisioneiro àqueles que estão encarcerados. Eis o porquê de a refeição da prisão ser dispensada em dias de visita, nos quais os presos podem comer uma comida caseira, trazida por mães, companheiros (as) e filhos. Por momentos, e em dias específicos, os internos, literalmente, degustam o sabor do mundo exterior. Talvez seja por isso que Santos, em sua autobiografia, por mais de uma vez, faz referência a esses sabores da vida do lado de fora.

Lá em casa, por exemplo, no café da manhã, a minha mãe fritava carne de charque e fazia uma farofa de água morna, misturada com a graxa da carne frita e cozinhava, sempre, umas raízes de aipim. Ela cozinhava um caldeirão de banana da terra, bem madurinha, para nós comermos com a carne frita, que era uma delícia. E para acompanhar essa boa refeição da manhã, nada mais justo do que um bom café, torrado na torradeira feita de uma lata de querosene partida ao meio. (SANTOS, 2006 p. 11)

Para os prisioneiros, os parentes se constituem nos elos mais fortes com a vida anterior ao cárcere. Ainda nas páginas iniciais, ao falar sobre a sua família, Santos relembra a figura paterna. “[...] Um homem muito calmo, não tinha nenhum vício a não ser o de fumar; ele não bebia, não gostava de nenhum tipo de jogo, nem mesmo de futebol, que é um esporte que todo mundo gosta” (SANTOS, 2006 p. 10) “Na prisão é onde filho chora e mãe não vê”. Tal adágio é dito para o interno logo quando este chega à instituição prisional e é confirmado à medida que o novato se habitua aos muros e às grades. Não é à toa que nos rogos, nos lamentos – sempre às escondidas, pois se lamentar na prisão não é visto com bons olhos pelos demais detentos – e até nas tatuagens, a figura da mãe é lembrada, é idealizada em um misto de devoção e culpas a serem expiadas perante a santificada progenitora. Com as tintas da memória, Santos pinta um quadro da mãe.

⁷ Expressão cunhada por Erving Goffman para designar os manicômios, os conventos, as prisões e as demais instituições de disciplina.

E a minha mãe, você quer saber como era? Como era não, porque, graças a Deus, ela ainda está viva e é a maior fortuna que eu tenho nesta vida. Não é porque ela é rica, pelo contrário, ela é muito pobre de dinheiro, mas é muito rica de espírito, graças ao nosso bom Deus, não só por ser uma mãe, mas sim por ser bondosa de todas as formas, de todas as maneiras, carinhosa com os filhos e uma fiel esposa para o marido. A prova de sua lealdade é tanta, que o meu pai faleceu em 1971 e até hoje ela continua sendo uma viúva fiel, nunca teve ao menos um namorado. Só para mostrar que ainda existem mulheres de vergonha, tudo isto é parte do caráter de minha mãe. (...) A minha mãe é da cor morena, cabelos castanhos, compridos, ela gosta de usar trança e sempre gostou de lenço na cabeça, um símbolo das mulheres da roça. Ela tem olhos castanho escuros, 1,62cm de altura e pesa 58 kg. É uma pessoa paciente e não gosta de nomes feios, porque ela não é uma pessoa depravada. (SANTOS, 2006 p. 10)

Por ser uma autobiografia o discurso de José Raimundo é direto, feito em primeira pessoa e, como tal, investido da particular autoridade à qual estão submetidos os discursos autobiográficos. “É a câmara dos olhos de um – deste um que se dá a liberdade e o direito de dizer por todo mundo que viaja de volta ao passado, reeditando, ou, para ser mais preciso, editando o passado da forma como sentiu e sente, o viu e ainda vê” (CASTRO, 2011 p. 84). Seu texto vai de narrativas da infância e das vivências como homem do campo e do asfalto, a um guia referente a postos de gasolina e conselhos sobre trechos de estradas pelas quais passou. Com autoridade, ele nomeia e descreve os restaurantes, qualifica os serviços, relembra os nomes dos proprietários e, reafirmando a legitimidade de seu discurso, de quem dedicou mais de 26 anos à vida no volante, como ele afirmou, aconselha: “Mas vocês não imaginam os riscos que a banguela tem. O que aumenta na viagem, pode atrasar na vida. A pressa sempre foi inimiga da perfeição, e a banguela é um perigo para os motoristas que vão e para os outros que vêm.” (SANTOS, 2006 p. 72). Walter Benjamim, em seu *O Narrador*, diz que uma característica marcante das narrativas é o seu caráter utilitário, as histórias têm um fundo moral, uma lição para dar. Seja relacionada à vida na estrada, ou à vida em si e ao futuro, a autobiografia de Santos é repleta desses ensinamentos.

Quero dar um grande conselho, ninguém deve trocar a sua dignidade por nada, a liberdade não tem preço. [...] Eu não conseguia enxergar antes, mas agora, eu aprendi e nunca mais vou deixar que ela me escape das minhas mãos. Tudo bem, do destino ninguém foge, por isso eu nunca fugi, mas agora eu vou mudar de assunto, porque ficar falando de tristeza não é o meu ponto de vista. (SANTOS, 2006 p. 122)

Se, por um lado, o discurso aconselhador com respeito à vida nas estradas possa servir para os leitores que são ou que possam vir a ser caminhoneiros, tais trechos, como o acima transcrito, se direcionam àqueles que arrisquem delinquir e, principalmente, ao próprio autor, em um processo de reconhecimento e aceitação de falhas que, as ressignificando, o conduz a mudanças nas formas de ver o passado o presente e o futuro. A escrita de si escreve no sujeito que a escreve.

Para Foucault, vivemos em uma “sociedade que se tornou singularmente confessanda” (FOUCAULT, 2003 p. 59). Confessa-se, desde as coisas mais triviais até as que deviam permanecer sepultadas. A literatura é nutrida por confissões. O ato de se confessar também pode servir como paliativo a algum desconforto, pode ser um analgésico para a alma. Nas ofensas, a confissão pode ser estimulada pelo atenuante do arrependimento. Por meio do reconhecimento da culpa busca-se um perdão ou um abrandamento das sanções. O discurso de confissão, por abrandar os ofendidos e afirmar a autoridade da lei, é estimulado pelo sistema jurídico e promovido pelas autoridades policiais. A confissão espontânea, sobretudo no caso de prisioneiros que escrevem, assume o caráter redentor – na medida em que o ser escrevente lê o que escreveu, e digere sua culpa com novas atitudes e visões de um futuro promissor. Também pode ser de cunho utilitário. Neste último, confessa-se para os demais, para as autoridades, reconhece-se culpado e promete, ao pedir uma segunda chance, não mais errar. “A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder mas tem um parentesco originário com a liberdade.” (FOUCAULT, 2003 p. 60) Santos, mesmo quando, fiel à máxima da prisão de não ser réu confesso, disse: “Eu estava preso e acusado por um crime que nunca cometi” (SANTOS, 2006 p. 136). Em outra passagem, escreveu:

Quem de nós, nesta vida, vai falar que nunca praticou um erro? Eu errei e confesso, e se alguém lhe disser que nunca errou, vocês podem dizer que essa pessoa veio do céu, ou é o maior mentiroso na face da terra. [...] Eu, de minha parte, não posso esconder meus erros, só garanto que vou me esforçar para nunca mais errar. Só por um pequeno erro, eu paguei um alto preço e compliquei minha vida, muitos dias na cadeia, ausente da minha família e da minha liberdade. (SANTOS, 2006 p. 122)

Ao cair nas malhas do sistema punitivo, o cidadão não apenas é encarcerado, mas também é presa de uma ampla rede que o enlaça. Seja pela exposição de sua suposta falta, pela vergonha dos vizinhos e parentes, por ter seu nome divulgado na imprensa, por não mais dispor de seus horários e bens e até do próprio corpo, por ser mais um número nas chamadas de verificação e nas estatísticas do sistema prisional. “Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.” (FOUCAULT, 1999 p. 18) Santos tinha consciência desse aspecto da prisão:

Os presos passam uma vida isolada, longe de tudo e de todos, completamente desligados do mundo, separados por grades e muros que parecem não ter fim. [...] A vida de um prisioneiro, para mim, é o pior viver deste mundo, porque além de perder a liberdade, perde também todos os seus direitos e o principal que é o seu próprio nome. Para a maioria da sociedade, quando um homem cai dentro de uma prisão perde o nome de cidadão e passa a ser bandido ou marginal, como eles falam. (SANTOS, 2006 p.145 -146)

Para Bakhtin, os discursos são moldados de acordo a situação em que se emite a mensagem, os participantes desta, o local, entre outras variáveis, enfim, são condicionados de acordo com a ocasião. “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos de sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor”. (BAKHTIN, 1992 p. 114). Em *Km 47, Parada da Solidão: vida de caminhoneiro*, além do discurso memorialista, idealizador de um passado feliz – levando-se em conta o

estado em que o escritor se encontrava –, além dos conselhos, negações e confissões, observa-se uma tentativa de se justificar, de realçar o passado honrado e trabalhador e de negar seu presente enquanto condenado. Ao proferir seu discurso justificatório, Santos reconhece o estigma que o marca.

Eu sou um pobre trabalhador que dei a maior parte de minha vida em prol do engrandecimento deste Brasil. Foram 26 anos de transporte rodoviário nas estradas brasileiras, transportando a produção. Hoje tenho 50 anos de idade e três anos e dois meses por trás das grades. Eu sei que minha pena está vencendo e eu vou voltar à minha vida normal, mas esta marca é uma cicatriz que vai ficar na minha alma para sempre. (SANTOS, 2006 p. 158)

Premido pela situação e o meio social em que se encontra, Santos molda seu discurso às autoridades e ao sistema que o encarcera. Evita críticas e queixas, resigna-se à condição submissa e lança sua voz no afã de angariar simpatias. Pois “o contexto social imediato determina quais serão os ouvintes possíveis, amigos ou inimigos para os quais serão orientadas a consciência e a sensação de fome”. (BAKHTIN, 1992 p. 114). A fome de Santos é a inerente à condição humana, perene, latente, o crônico anseio à liberdade. A fome que faz a boca calar e que traz os gestos contidos, cautelosos e, quando a fala sai, amalga-se aos mais duros metais da existência e compõe o discurso.

Eu ouvi as palavras dos policiais com toda atenção e no final lhes agradei, com meu jeito educado, que sempre tive, para mostrar para eles que, realmente, eles acertaram em dizer que eu pareço um rapaz bom, porque, na verdade, eu não só pareço que sou um rapaz bom, na verdade mesmo, eu sempre fui um homem bom de verdade, e sempre tive uma boa procedência e um bom convívio social. (SANTOS, 2006. p. 134)

Adiante, ao se referir ao presídio e às condições em que é tratado, Santos afirma, “nunca vou falar de maus tratos, porque eu nunca fui maltratado e por isso é que eu tenho um grande respeito por todos eles, porque sempre me trataram bem e eu nunca dei motivos para ser maltratado. (SANTOS, 2006 p. 141). De fato, na sua ficha comportamental não consta nada que desabone sua conduta no Presídio Regional Dr. Nilton Gon-

çalves, pelo contrário, desde o seu ingresso, e passado o período de observação – a quarentena em que os recém chegados têm que passar, em celas isoladas e sem direito a contato com os demais -, Santos logo conseguiu atividades laborativas: era encanador, electricista, pintor e faxineiro, o seu discurso maleável, escrito ou não, abria-lhe portas.

A escrita “prisioneira” liberta, na concretude do texto, quer seja simples, prosaica, gasta ou cheia de intenções outras, que as palavras escondem. Desponta como estado de saúde, ao conceder novas autorias e possibilitar que se vislumbre o recorte da face de tantos “homens obscuros”. Revolve a crosta que emperra os gonzos da porta fechada pelos guardiães do discurso, que estabelecem normas para o acesso e uso das palavras histórias, considerando banal, insignificante tudo que não atenda aos parâmetros da arte literária. Insere, num dos muitos quartos da literatura, a escrita do prisioneiro, seja ela singela, de apontamento, de missiva, em que a poética da experiência vivida e desejada se sobrepõe ao relato da ação classificada como transgressão, mas que para Maurice Blanchot (apud Foucault, 1992) não pode ser conhecida. (CÂMARA, 2001 p 226)

De forma geral, quando se cruza os portões de uma instituição prisional como interno assume-se uma nova identidade, ou reafirma-a e transforma-a quando se trata de reincidentes. Logo na admissão, o interno é despido de seus bens, é fichado, recebe um número de matrícula – em algumas instituições corta-se o cabelo – e é encaminhado para a observação, cujo período varia entre dez e quinze dias. Durante a observação, ele não recebe visitas e nem pode sair para o “banho de sol”⁸. Seus contatos se limitam aos agentes encarregados da contagem e aos presos que trazem comida. Estes últimos se encarregam de “levantar a ficha”⁹ do novato e dar a notícia para a comunidade carcerária. Ao sair para o “convívio”¹⁰, o novato é identificado e questionado, é preciso contar a “sua”

⁸ Expressão utilizada para designar o período em que o preso tem para ficar ao ar livre, o direito ao sol.

⁹ Gíria: Diz-se quando alguém recolhe informações de outrem. No caso específico, os presos encarregados dos serviços de faxina, ou de pagar (entregar) as refeições, são os correios dos presídios, transportam desde notícias às mais diferentes entregas. Pela sua mobilidade – o que é um privilégio em uma instituição prisional – os serviços de faxina e de entrega de refeições são os mais requisitados pelos presos quando pleiteiam trabalho.

¹⁰ Pátio e demais espaços coletivos, é onde se dá a socialização dentro das prisões.

história – estamos nos referindo àqueles que estão na prisão pela primeira vez, os que já são criminosos profissionais geralmente são reincidentes e não passam pelo ritual de contar a história, sua história já é conhecida assim que ele é preso -. A partir daí, o novato passa a ser nomeado pelo crime que cometeu – se já não vier com a infâmia, dada pela mídia, quando se trata de crimes que causam comoção popular. Imerso nessa realidade, o indivíduo sofre uma despersonalização: não tem mais o seu espaço – a condição humana o faz faminto de distâncias imensuráveis -, não come mais a sua comida, não dispõe mais de seus horários, de suas companhias, de suas roupas, do seu nome e, por fim, do seu futuro. O que o espera é algo incerto, um estigma, um futuro que só existe no passado. Assim vê, mesmo sem saber, que a prisão cumpriu o seu moderno papel, aprisionou-lhe a alma.

Como já comentamos anteriormente, Santos tinha consciência de que sua alma estava encarcerada, de tal sorte que, em sua autobiografia, bem como em todos os seus discursos, se afirmava como um profissional do volante. A partir do instante em que teve contato com o projeto Letras e Vida: escritas de si, ele, além de passar a escrever as suas histórias, projetou sua identidade no ofício de escritor. Eis a sua luta contra as grades invisíveis da prisão: não tinha mais apenas o passado de caminhoneiro como ilha identitária, mas navegava e vislumbrava terras onde ele seria escritor.

Agora eu estou meio dividido com a nova experiência, que eu adquiri dentro da literatura, e, posso afirmar, que eu vou dar continuidade a este grande trabalho que, a partir de agora, eu tomei como minha verdadeira profissão. Vou levar tudo muito a sério, para poder mostrar, muito em breve, os frutos do meu trabalho. (SANTOS, 2006 p. 122-123)

Com efeito, a sua escrita começou a dar resultados. Santos já não se sentia tão preso, o que lia e o que escrevia o fazia romper as grades invisíveis. “Um homem preso só tem viva a mente, que é livre e pode pensar o que quiser, pode cruzar os muros da prisão e viajar em todas as direções, trazendo, em poucos segundos, as coisas da imaginação. (SANTOS, 2006 pag. 155). Esteve certo disso quando, por ocasião de um congresso sobre direitos humanos que se realizaria na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, foi

convidado pelo Proler/Uesb e, com a autorização da Justiça, palestrou para uma plateia de estudantes, professores, juízes, promotores e demais autoridades. Experimentou um misto de surpresa quando, em uma dessas curvas dos acasos, recebeu o certificado de participação das mãos da mesma promotora que havia pedido sua condenação, três anos antes. Escreveria mais tarde:

Eu nunca pensei que eu poderia viver um dia tão especial como aquele que vivi dentro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Uesb. Foi a primeira vez que eu cruzei os portões de uma universidade. Era como se eu, naquele dia, estivesse vivendo um sonho, mas era a pura realidade. Aos 50 anos de idade, eu considero que foi o maior troféu que a vida já me deu porque foi muito mais que gratificante para mim que, na condição de presidiário nesta cidade enfrentando uma grande tempestade, consegui desfrutar a bonança. (SANTOS, 2006. p 152)

Para o indivíduo encarcerado, que é manejado entre horários e rotinas, revistado, objeto de contagem, cujos adjetivos mais conhecidos aplicáveis a ele são: bandido, mau-caráter, assassino, ladrão... tal oportunidade de escuta é revestida da esperança de credibilidade. Presa da mesmice da rotina, cujos discursos que a sociedade quer, e está disposta a ouvir, são os feitos de seus malfeitos, suas confissões e até suas injúrias, ir a uma instituição educacional, sobretudo uma universidade, e falar aos poderosos – como era o grande anseio e a perdição do emblemático Menocchio, citado no início deste trabalho – é algo indescritível que ocorre na alma de um prisioneiro. Fiquemos com as palavras de Santos:

Aquele dia maravilhoso ia chegando ao fim, e eu com a certeza de que assim que o sol terminasse de esconder os seus raios de luzes douradas por detrás das cortinas do véu da natureza e o manto negro da noite ia chegar cobrindo toda vegetação da terra. E era também chegada a hora para eu retornar à prisão e ser escondido por detrás de paredes, muros e portões, e com a imensa diferença do sol que ao raiar do novo dia retorna ao horizonte, livre para brilhar. (SANTOS, 2006 p. 154)

A escrita de si escreve em quem a escreve

Livros podem ser vistos como cápsulas que guardam frações da humanidade. Na literatura, consoante com as experiências vividas por quem a transcreve, tais cápsulas, uma vez abertas, lidas, revelam universos e vivências humanas ímpares. A autobiografia é desses tipos de cápsulas que ocupam sessões particulares nas prateleiras. Por contar com a autoridade daquele que fala, que vivenciou o que narra, o gênero autobiográfico possui particularidades em relação a outros gêneros. Tem o caráter de romance, já que as experiências descritas nunca correspondem à realidade, vêm carregadas com um quê subjetivo de quem as rememora (CASTRO, 2011 p. 84). Também conta com o imperativo do protocolo de leitura, pois traz consigo uma fórmula de como lê-lo, de tal sorte que quem o lê o faz sob a égide do verdadeiro, do experienciado. (BOURDIEU; CHARTIER, 2001. p235). O gênero autobiográfico também possui a característica de ser uma espécie de divã, no sentido da prática da psicanálise, o local onde a consciência se deita, ouve a memória e ressignifica tais reminiscências. Canta odes ao seu passado e faz suas confissões. Diante dessas sessões, a consciência nunca volta como dantes, quem se autobiografa se reinventa. Parecem preponderar nos escreventes de si, quando em idade avançada, que tais reinvenções são menos recorrentes e cedem espaço a confissões ou revelações. Autobiografias de pessoas que ainda têm perspectiva de vida, e sobretudo em situações adversas, como é o caso de prisioneiros que escrevem sobre suas vidas, o gênero torna-se um ponto de reinvenção, o divã que age com força transformadora em quem se deita nele. Tal se dá no exemplo de José Raimundo Santos. Sua escrita o libertou, a princípio a mente, propiciando-lhe novos horizontes do eu e, em consequência, o corpo, já que, por ter escrito na prisão, isso lhe serviu como fator positivo na concessão da liberdade condicional. Mesmo tendo se envolvido em ocorrências policiais por duas vezes após seu livramento condicional, por questões menores – o que lhe causou a perda da liberdade condicional e o fez cumprir o restante da pena – ele, uma vez livre de fato, agarrou-se à escrita como forma de se afirmar enquanto ser humano. Passou os últimos anos de vida como cordelista, o que lhe valia algum reconhecimento, sobretudo na região onde circulava o

jornal no qual publicava seus textos. Era um recolhedor de causos e histórias dos boqueirões da zona rural de Condeúba, Bahia.

O discurso de Santos não se restringe apenas ao seu círculo, nem tampouco à sua passagem pela Terra. É o discurso daquele que se reinventa, que nega um passado e afirma um futuro, que perpassa por todos os extratos sociais. É uma escrita que alcança a todos, desde aquele que, longe dos muros e grades, enxerga apenas os que estão lá, meros condenados, párias, irrecuperáveis aos que, desejam ler e ver seres ativos em suas subjetividades e representações sociais, chegando perto daquele que, sentado em um canto da cela, rabisca a história de sua vida no caderno feito por ele com folhas de papel doadas por estudantes. Santos, vez ou outra, suspende a árdua luta entre a caneta, o papel e suas memórias, encosta a cabeça nas grades, olha o corredor e pensa que todo o caminho que pode fazer agora está reduzido às galerias do presídio, ao pátio e à fila do refeitório que, se somar tudo, não dá nem 200 metros. Volta ao caderno e à caneta, lê o que escreveu, faz uma breve comparação com os registros de sua memória, rabisca, corrige, lê novamente, volta a observar o corredor, por fim, cerra as pálpebras e olha para si mesmo e registra.

Hoje, todo este caminho que eu fiz está reduzido e dividido entre os corredores e galerias do presídio, do pátio e da fila do refeitório que, se somar todas juntas não dá nem ao menos 200 metros dos milhares de quilômetros de todas as rodovias deste Brasil que eu já rodei. [...] Eu sou preso pelos homens mas sou livre para pensar e é como estes meus pensamentos que eu tenho buscado muitas coisas do passado e estou vivendo o presente, mas me preparando para as coisas do futuro(.,) (SANTOS, 2006. p152)

PRISON'S SPEECHES: AUTOBIOGRAPHY'S VOICES AND RESIGNIFICATIONS

ABSTRACT: Stories of imprisoned protagonists fulfill the void in literature with fragments of autobiographic scripts that suggest experiences of differentiated offenders of the committed crime. Based on an autobiography written in prison, this paper aims to analyze the autobiographic discourses in the incarcerating context, identifying the dialogic nuances of the speech of the im-

soned. This discourse inter-relation acts upon the subject who writes, in a way that, when he write and reads what he wrote, it comes to bring a different meaning to his identity. Such changes are not solely restricted to the writer himself, but it expands to a whole social class in which those have the discourse interdicted are immersed since they are out of the literary circle.

KEYWORDS: Discourse; Identity; Prison; Prisoners Reading; Writing.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed., Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.

Benjamim, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas*. Volume I 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. 1993.

CÂMARA, H. F. *Além dos muros e das grades*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 2001.

_____. *Leitura e Poder: Lembranças de leitores*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, G. O discurso da memória: um ensaio bakhtiniano a partir de Infância e São Bernardo de Graciliano Ramos. *Bakhtiniana*. São Paulo, v. 1. N.6 p. 79-94. 2º semestre 2011.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa, entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF. Editora Universitária de Brasília, 1999.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, R. (org.) *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 229-254.

DOSTOIÉVSKI, F.M. *Recordações da casa dos mortos*. Tradução de José Geraldo Vieira – São Paulo: Martin Claret, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 19. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. *O que é um autor*. Portugal, editora Veja – Coleção Passagens. 1992.

_____. *Vigiar e punir*. nascimento da prisão. 19. ed., Petrópolis: Vozes. 1999.

- _____. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 203-222.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15 ed. Rio de Janeiro, Edições Gral, 2003.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares: Projeto história*. São Paulo: PUC-SP. N.º. 10 1993.
- RANCIÈRE, J. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. *A noite dos proletários*. Arquivos do sonho operário. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 439p.
- SANTOS, J. R.. *Km 47 Parada solidão (vida de caminhoneiro)*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006.

Recebido em 07/07/2012.
Aprovado em 12/12/2012.